

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

**NATUREZA NO PAÍS DOS TAPUIAS: UMA ANÁLISE DAS CRÔNICAS DE PIERRE  
MOREAU E ROULOX BARO**

LEIDIANE ALVES DE MOURA



NATAL / RN  
2007

LEIDIANE ALVES DE MOURA



**NATUREZA NO PAÍS DOS TAPUIAS: UMA ANÁLISE DAS CRÔNICAS DE PIERRE  
MOREAU E ROULOX BARO**

Monografia apresentada a disciplina Pesquisa Histórica II,  
como requisito para obtenção do Grau de Bacharel e  
Licenciado em História, pela Universidade Federal do Rio  
Grande do Norte.

ORIENTADORA: Dr<sup>a</sup> Maria Emília Monteiro Porto

NATAL / RN  
2007

LEIDIANE ALVES DE MOURA

**NATUREZA NO PAÍS DOS TAPUIAS: UMA ANÁLISE DAS CRÔNICAS DE PIERRE  
MOREAU E ROULOX BARO**

---

PROF. DR<sup>a</sup> MARIA EMÍLIA MONTEIRO PORTO (ORIENTADORA)

---

PROF. DR<sup>a</sup> FÁTIMA MARTINS LOPES (BANCA EXAMINADORA)

---

PROF. DR. PAULO POSSAMAI (BANCA EXAMINADORA)

NATAL, 20 DE JUNHO DE 2007

## AGRADECIMENTOS

Não são muitos os agradecimentos que devo fazer neste momento, poucas pessoas participaram diretamente dessa minha trajetória, mas no entanto tenho certeza que foram primordiais e suficientes para a concretização desta etapa de minha vida.

Como não poderia deixar de ser, quero agradecer aos meus pais, que me deram todo suporte de vida para chegar até aqui, me ensinando a importância de conhecer, de saber, de não querer ser apenas mais uma. Quero agradecer a minha querida irmã, que pacientemente me ouviu, leu, corrigiu, sugeriu, ajudou, deste o início, quando tudo isso era apenas uma idéia.

Agradeço à todos os meus amigos, com quem a vida docemente me presenteou, que estiveram ao meu lado, torcendo, vibrando, esperando e que certamente estão felizes, por mais esta etapa cumprida em meu caminho. Minha querida amiga Raquel, que tanto me ajudou, só por ouvir meus comentários; Ao meu querido amigo Seu Luis, de que tenho a mas absoluta certeza, sente-se vitorioso por minha vitória; Minhas amigas Eline e Juli Barbi, companheiras de sempre, que por tantas vezes, mesmo sem querer me ouviram.

Com muito amor, com todo o meu amor, agradeço ao meu querido marido, mas um presente de Deus em minha vida que pacientemente, suportou meu mal humor e minhas lágrimas, que me deu força quando acreditei que não poderia ir. Agradeço a ti meu querido, por estar sempre aqui.

Com muito cuidado, quero agradecer à minha orientadora, minha querida professora, Maria Emília que tem o Dom de transformar todas as minhas idéias, sempre confusas, em algo lógico. Agradeço pela modo gentil como conduziu essa orientação, sempre me estimulando, dando força, suporte (há, seus livros...), acreditando em minha capacidade, quando nem eu mesma acreditava que ela existia. Muito obrigada pelo apoio, carinho e oportunidades que vem me oferecendo. Obrigada por me mostrar um mundo novo (esse não é maiúsculo), por me fazer acreditar que posso, que tenho muito o que aprender, mas posso.

Agradeço à meu Deus, que me deu sanidade para chegar até aqui, e a todos vocês, muito obrigada!

## SUMÁRIO

### RESUMO

<b>1</b>	<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....</b>	<b>05</b>
<b>2</b>	<b>RENASCIMENTO, DESCOBRIMENTOS E REALIDADE NO PAÍS DOS TAPUIAS.....</b>	<b>13</b>
2.1	RENASCIMENTO: TEORIA E PRÁTICA.....	13
2.2	ALGUMAS IDÉIAS SOBRE RENASCIMENTO.....	14
<b>3</b>	<b>OS CRONISTAS E SUA ÉPOCA.....</b>	<b>20</b>
3.1	PARA ENTENDER O CRONISTA PIERRE MOREAU.....	22
3.2	O EMBAIXADOR DO PAÍS DOS TAPUIAS.....	25
<b>4</b>	<b>ALGUMAS IDÉIAS DE NATUREZA NO PAÍS DOS TAPUIAS.....</b>	<b>29</b>
4.1	RENASCIMENTO E NATUREZA: PIERRE MOREAU DA TEORIA A PRÁTIS...	29
4.2	ROULOX BARO: UMA ANÁLISE DA “MUDEZ PRÁTICA DE SUA OBSERVAÇÃO” .....	33
4.3	A VISÃO DE UM CRISTÃO PROVIDENCIALISTA.....	37
4.4	PERCEPÇÃO UTILITARISTA DA NATUREZA.....	40
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>43</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>45</b>

## RESUMO

Buscamos compreender, a partir da análise de fontes do período colonial, como as condições e conflitos da realidade vivida podem interferir na composição dos discursos de Pierre Moreau francês, cristão providencialista e apreciador da natureza, que viveu por dois anos no Brasil e Roulox Baro holandês, profundo conhecedor da natureza americana e potiguar que veio para o Brasil ainda criança e permaneceu durante toda infância e juventude, traçando uma abordagem de análise comparativa de seus discursos intitulados respectivamente de “ Historia das últimas lutas no Brasil entre holandeses e portugueses e Relação da viagem ao País dos Tapuias ” que foram produzidos na primeira metade do século XVII, tendo como foco o conflito entre portugueses e holandeses no período de dominação holandesa no Brasil. Escritos num período que observamos como uma fase de tensão entre as dinâmicas colocadas pela conquista do novo mundo e as idéias renascentistas tentamos analisar a partir da visão dos dois cronistas as diferentes formas de representação e reconhecimento da natureza no País dos Tapuias.

**PALAVRAS CHAVE:** Análise de Discursos - Pierre Moreau, Roulox Baro; Brasil Holandês; Visões de Natureza.

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

No presente estudo, pretendemos analisar as diferentes visões da Natureza no país dos tapuias, região que compreende o interior dos atuais estados do Rio Grande do Norte e da Paraíba, buscando um entendimento das formas de representação dessa natureza, a partir da interpretação de textos de dois cronistas do século XVII, Pierre Moreau e Roulox Baro.

O texto base para esse estudo é intitulado “História das últimas lutas no Brasil entre portugueses e holandeses e Relação da viagem ao País dos Tapuias” (MOREAU, 1979). O cenário desses discursos corresponde às Capitâneas de Pernambuco, Rio Grande (Rio Grande do Norte) e Paraíba, sendo o discurso de Pierre Moreau ambientado principalmente em Pernambuco, região onde ele residiu e escreveu a sua *História das últimas lutas entre portugueses e holandeses no Brasil*; e o discurso de Roulox Baro, no País dos Tapuias, compreendendo parte das Capitâneas do Rio Grande e da Paraíba que ele visitou e deu origem a sua *Relação da viagem ao “País dos Tapuias”*.

As obras que fundamentam nosso estudo foram produzidas na primeira metade do século XVII, período que observamos de grandes transformações e mudanças de paradigmas no pensamento filosófico e científico no mundo europeu. Ao lado dessas, as tensões no campo da política externa entre os países que mantinham relações de comércio e dominação nas terras do Novo Mundo, mais especificamente Portugal e Holanda no caso do Brasil.

Essa obra possui um aspecto muito interessante: é a junção de dois textos, pois o texto de Baro foi anexado ao de Moreau que na intenção de ilustrar seu trabalho, de dar veracidade ao que escreveu, junta ao seu texto o relato de Baro, como prova documental de seu trabalho. É por isso que o título do texto é *historia das ultimas lutas... e relação da viagem ao país dos tapuias*, representando a junção das duas obras.

A intenção de Moreau pode ter sido a de simplesmente ilustrar seu trabalho, mas para nós o texto de Baro vai muito além de uma simples prova documental. Baro nos permite um olhar diferenciado da visão do europeu, funcionando como uma espécie de releitura não intencional no século XVII, da cultura indígena e do cotidiano de um colono comum.

A idéia de discutir a visão de Natureza deixada por esses cronistas surgiu através do encontro com a obra de Robert Lenoble, *História da idéia de natureza* (LENOBLE, 2002), que despertou o interesse em analisar como esses homens do século XVII percebiam e expressavam a natureza a sua volta. De que forma entenderam e interpretaram essa natureza, se a conheceram, ou simplesmente conviveram com ela. De que maneira perceberam seus fenômenos. Se essa natureza lhes despertou algum interesse científico ou religioso. Com isso queremos compreender como as condições e conflitos da realidade vivida puderam interferir na composição dos discursos desses dois cronistas.

Muitos estudos já foram feitos sobre esse período e essas obras. Na historiografia tradicional analisamos como José Antônio Gonçalves de Melo (1987) e Olavo de Medeiros Filho (1989) abordaram os discursos dos dois cronistas e sob que aspectos eles se tornaram objeto de investigação para os dois autores. Melo, em seu livro *No Tempo dos Flamengos* (MELO, 1989), trata somente do discurso de Roulox Baro, mostrando sua atuação junto ao governo holandês no trato com os índios e para o reconhecimento das novas terras, como também seu conhecimento sobre o espaço geográfico e bom relacionamento com os índios. No primeiro momento onde o nome de Baro aparece na obra, com uma tradução diferente da que apresentamos, o autor está tratando de uma das viagens de Baro ao interior do país, como veremos na citação a seguir.

Dois anos mais tarde, em 1644, Reolof Baro parte em direção ao interior do país. Desta vez ia com o feito de descobrir a zona situada para os lados do sertão [...] Levava uma tropa de índios brasilianos, e os holandeses, inclusive Baro, eram quatro. Os Mss. Não dão pormenores do fato, mas o caso é que os índios amotinaram-se e Baro desistiu de prosseguir no objetivo.<sup>1</sup> (MELO, 1987, p. 152)

Na citação anterior foi possível observar a representação de Baro como homem de luta, um comandante a serviço da Companhia das Índias Ocidentais. Num outro trecho, o

---

<sup>1</sup> Nesse trecho podemos perceber que o nome de Baro é traduzido como Roelof e não Roulox, como sempre apresentamos em nosso estudo, essa é uma outra tradução que aparece na historiografia, assim como Rodolfo Baro, ou Rodolf Baron, mas preferimos trata-lo por Roulox que foi como o conhecemos.

autor numa nota de rodapé, faz um breve resumo sobre a vida de Baro, desde quando começou a servir a companhia das índias, até sua morte.

Em seu livro *No Tempo dos Flamengos*, Gonçalves Melo não trata da obra de Pierre Moreau, que sequer chega a ser citado. Trata apenas de Baro, numa perspectiva de análise de seus feitos e contribuições para a construção de uma história de Pernambuco no tempo dos flamengos.

Na busca por uma representação da historiografia tradicional local, ganha destaque o livro de Medeiros Filho (1989) *No rastro do Flamengos*, onde o autor trata da viagem de Baro ao país dos Tapuias, refazendo teoricamente o trajeto percorrido por Baro em sua viagem, fazendo uma reconstrução atual do caminho percorrido. Através de citações retiradas do discurso de Baro, ele vai destacando nomes de lugares e mapeando os espaços à que correspondem atualmente. “O Pitimboa, referido por Baro, é o mesmo rio Apitimbu de Marcgrave, atualmente Pitimbu, afluente do Piranji. Os viajantes já se encontravam ao poente da atual cidade de Parnamirim-RN” (MEDEIROS FILHO, 1989). Trata da viagem de Baro, sempre numa perspectiva de resgate dos caminhos percorridos numa localização atual, citando o nome antigo do lugar por onde ele passou e seu correspondente atual. Sobre Pierre Moreau, Olavo Medeiros cita um trecho do seu discurso que trata da questão da morte de Jaco Rabi, sem esboçar qualquer análise sobre a citação ou sobre o discurso do cronista, que para essas duas obras da historiografia clássica, parece estar voltado para segundo plano.

O artigo do professor B. N. Teensma (2006) do Departamento de línguas e Culturas da América Latina da Rijksuniversiteit em Liende nos Países-Baixos, intitulado *O Diário de Rodolfo Baro*, de 1647, como monumento aos Índios Tarairiú do Rio Grande do Norte, propõe uma releitura da viagem de Baro, falando especificamente de seu discurso, numa busca por uma análise política da ação de Baro e a compreensão das terminologias que ele utilizou, assim como os erros de traduções e o uso incorreto de dados na compreensão da trama histórica à luz da literatura (TEENSMA, 2006). Tenta refazer os caminhos percorridos por Baro, inserindo essas trajetórias no contexto histórico que as motivou, explorando as relações existentes entre Baro e os indígenas, como também com os holandeses e demais europeus.

O autor só cita Pierre Moreau quando comenta o período da tradução francesa da obra de Baro e para falar da forma como ele traduziu o nome de Baro, que segundo ele “corrompeu o nome neerlandês Roelof em Roulox” (TEENSMA, 2006), comentando os possíveis erros das suposições de Moreau sobre a infância de Baro no Brasil.

A partir da apresentação desses exemplos, seja da historiografia tradicional ou contemporânea com o artigo do professor Teensma (2006), pretendemos mostrar as diferenças entre as perspectivas de análise dos textos de Pierre Moreau e Roulox Baro, propostas por esses autores e a abordagem que pretendemos desenvolver neste estudo. Pretendemos analisar como esses cronistas do século XVII perceberam e representaram em seus discursos a idéia de natureza americana, contrapondo as idéias retiradas dos dois discursos sobre esse tema, o que, como foi visto, não foi proposto por nenhum dos autores que mencionamos.

Assim, colocamos a seguinte questão: como podemos analisar, guiados pela visão dos dois cronistas, as diferentes formas de representação da natureza americana, observando as possíveis divergências nesses discursos que resultam da observação do mesmo espaço natural. Enfim, como ela foi vista e entendida por esses homens.

Para compreendê-lo, partindo de uma análise comparativa desses discursos, começamos por investigar a trajetória desses homens, o que eles entendiam como país dos Tapuias e como esse país era representado, assim como as circunstâncias de ordem política e cultural nas quais seus discursos foram produzidos, num período que observamos de tensão entre as dinâmicas colocadas pela conquista do Novo Mundo e suas implicações no imaginário do homem europeu do século XVII e as idéias renascentistas.

Este estudo pretende realizar uma abordagem metodológica de análise dos discursos, seguindo a idéia da Tríplice abordagem do intratexto, do intertexto e do contexto, sugerida por José D’Assunção Barros, em seu livro *O Campo da História* (BARROS, 2002). Para uma melhor compreensão, o intratexto implica na avaliação do texto como objeto de significação, correspondendo aos aspectos internos do texto; por intertexto, podemos compreender a inter-relação de um texto com os outros; o contexto se dá pela relação do texto com a realidade do meio que o produziu e que o envolve. Isso é aplicado em uma abordagem comparativa de análise dos discursos dos dois cronistas, que apresentam diferentes versões para a compreensão da natureza americana no século XVII.

Diante destas observações, a primeira hipótese que levantamos é que o contexto das idéias renascentistas voltadas para essa conquista, podem ter sido fundamentais para uma nova formação visionária do Novo Mundo, sendo provavelmente agentes determinantes para a percepção dessa nova realidade apresentada a partir da conquista.

A segunda hipótese que levantamos é que a partir da compreensão das dinâmicas colocadas pela conquista do Novo Mundo, do ritmo dessas incursões e suas implicações no imaginário europeu do século XVII, podemos entender os rumos tomados pelas construções imaginárias do período. Supomos que a partir dessa compreensão podemos definir que imagens proporcionadas pela realidade vivida foram fundamentais para a formação das idéias dos nossos cronistas e, conseqüentemente, para a interpretação da natureza. À sua volta, a natureza americana.

Dessa forma, a terceira hipótese que levantamos é de que a partir do entendimento desses processos, podemos detectar as aplicações práticas dessas idéias para a interpretação da natureza feita pelos dois cronistas sobre as capitanias do Rio Grande e de Pernambuco, supondo que elas tenham sido não só aplicadas em seus discursos, como também que tenham sido fundamentais para sua elaboração, fazendo parte de um processo que levou à construção de uma imagem da natureza americana.

A fundamentação teórica de nossa pesquisa segue a tendência da História Cultural, vista por Ronaldo Vainfas no seu ensaio sobre História das Mentalidades e História Cultural, como o grande refugio da História das Mentalidades, que nos anos da década de 1970 tentou se afirmar como campo específico do conhecimento histórico (VAINFAS, 1997, p.127), sofrendo muitas críticas sobre vários de seus aspectos. Em suas “principais versões, procurou defender a legitimidade do estudo do “mental” sem abrir mão da própria história como disciplina ou ciência específica” (VAINFAS, 1997, p.128). Em virtude das diversas críticas e fragilidades apontadas, muitos autores que se diziam das mentalidades convergiram para outros campos de estudo da história, como a História Cultural.

Nesse mesmo ensaio, aponta três diferentes modelos para compreensão e identificação de trabalhos sobre a História Cultural. Sendo eles, o Modelo de Carlo Ginsburg, com a recusa do conceito vago de mentalidades; o modelo de Edward Thompson, que valoriza as estratificações e os conflitos socioculturais como objetos de

investigação; e o modelo de Roger Chartier, mais preocupado com os aspectos da cultura popular.

Carlo Ginzburg é um desses autores que convergiram das mentalidades para a História Cultural, formulando um conceito original de Cultura Popular. Ela não se confunde com “cultura imposta às classes populares” pelas classes dominantes (VAINFAS, 1997, p.152), definindo-a como o conjunto de atitudes, crenças, códigos de comportamento próprios das classes subalternas num certo período histórico. Ginzburg também propõe o conceito de circularidade cultural, uma espécie de interseção de elementos entre os níveis culturais erudito e popular, onde um nível cultural retira e integra elementos do outro. Apesar de suas origens, este modelo se opõe às mentalidades, reconhece a história como uma ciência do particular e o historiador como um detetive, que só atinge o geral a partir de sinais particulares, “valendo-se de erudição e mesmo de intuição” (VAINFAS, 1997, p.153). Assim, o universo cultural se define sobretudo pelas resistências do popular, as circularidades e metamorfoses culturais, Sendo esses os principais pontos de investigação.

Edward Thompson é um historiador voltado para o estudo das massas e da identidade da classe trabalhadora no contexto da industrialização. Diferente de Ginzburg, ele não tem raízes nas mentalidades, seu campo teórico valoriza a luta de classes e a resistência social na cultura popular em conexão com as tradições, os ritos e o cotidiano das classes populares, num contexto histórico de transformação. Para Thompson o que importa é desvendar a identidade sócio-cultural das classes subalternas no contexto específico da formação do capitalismo (VAINFAS, 1997).

Nesta pesquisa seguiremos o modelo proposto por Roger Chartier, a partir de sua idéia de cultura enquanto prática. Utilizaremos seu conceito de representação, “[...] pensada quer como algo que permite “ver uma coisa ausente” quer como “exibição de uma presença” (VAINFAS, 1997, p.154 grifo do autor), onde o social só faz sentido nas práticas culturais e as classes e grupos só adquirem alguma identidade nas configurações intelectuais que constroem, nos símbolos de uma realidade contraditória representada (VAINFAS, 1997, p.154). Isso nos possibilita identificar as percepções apontadas a partir da visão apreendida nos discursos dos cronistas que pretendemos analisar, pois apesar de pertencerem ao mesmo contexto social produziram discursos diferentes sobre a mesma realidade vivida. Tinham o mesmo ponto de partida, mas diferentes objetivos para a



chegada, apresentam a natureza a partir de diferentes visões, pois não são norteados pelos mesmos valores, produzindo diferentes formas de representar o mesmo objeto.

Em outra passagem de sua História Cultural, Chartier (1988) afirma que a representação do mundo social, que entendemos também como realidade social, embora aspire à universalidade ou imparcialidade, são sempre determinadas pelo interesse de um grupo, daí a ligação entre o discurso proferido e seu idealizador. Ou seja, o discurso proferido terá ou será sempre a imagem do seu autor, ou a imagem do que ele tenta defender, da visão de mundo que pretende propagar, sempre voltado aos próprios interesses.

De acordo com Chartier (1988, p.17) “a história cultural, tal como a entendemos, tem por principal objetivo identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma realidade social é construída, pensada, dada a ler”. É a partir dessa idéia que pretendemos analisar os discursos de Pierre Moreau e Roulox Baro, na busca de uma aplicação prática desses conceitos nas suas obras.

Pretendemos analisar os discursos anteriormente apresentados, buscando uma compreensão da natureza americana, neles representada. Para tanto, buscamos compreender a idéia de Natureza a partir do conceito de Lenoble (2002), em sua *História da Idéia de natureza*, que nos fornece uma visão muito clara sobre o que pretendemos investigar. No seu estudo aborda o aspecto científico e moral da idéia de Natureza, onde compreendemos como científico o aspecto que mostra a natureza como todas as coisas existentes, como o espaço de apreensão e observação do natural pelo homem, o meio que nos cerca, o espaço da realidade vivida empiricamente. O aspecto Moral entendemos como a natureza de todas as coisas, a essência de tudo, que vai do micro ao macro, o que faz acontecer, o que permite que seja, o princípio de qualquer criação.

É nesse aspecto Moral da natureza, que reside a natureza mágica, apresentada por Lenoble (2002) e que deu início a este estudo. Na essência de todas as coisas, está a busca pela perfeição, onde o homem procura as respostas para os seus maiores questionamentos, O que permite que o homem vá de uma realidade empírica de um espaço real, comum a todos, para uma realidade criada, projetada a partir das perspectivas de transformação e entendimento dessa realidade comum.

Acreditamos que todo discurso, não importando o período em que foi escrito, está inserido numa realidade sociocultural, sendo reflexo direto da formação e da realidade de quem o escreveu, não podendo, portanto, ser analisado separadamente desse contexto. É preciso entender a realidade do autor para alcançar uma idéia aproximada da mensagem que ele pretendeu que fosse reproduzida. Tendo sempre a noção de que esta mensagem será compreendida a partir dos anseios e questionamentos de quem A analisa. Será sempre uma troca de interesses, onde é necessário observar tanto o que está escrito, quanto a realidade e a formação de quem escreveu.

Nesse estudo, trabalhamos com os relatos de dois cronistas, homens do século XVII, que vieram ao Brasil pelos motivos mais divergentes, que nunca se conheceram nem se encontraram, mas que relataram, cada um à sua maneira, a natureza desse Brasil onde viveram. Estaremos analisando os relatos desses dois cronistas, buscando identificar os pontos de divergências sobre questões comuns que detectaremos no decorrer de nossa pesquisa, e as razões que motivaram essas possíveis divergências. Procuraremos entender um pouco mais sobre a estrutura de suas crônicas e sobre as principais idéias que tentaram apresentar.

## 2 RENASCIMENTO, DESCOBRIMENTO E REALIDADE NO PAÍS DOS TAPUIAS

Para tentar entender melhor suas motivações, razões e possíveis influências, colocamos em foco a questão da idéia de representação que mencionamos logo no início deste estudo, as dinâmicas da conquista do Novo Mundo no que se refere à manutenção do domínio holandês no Brasil, assim como as influências trazidas pelas idéias renascentistas e suas interferências no imaginário do homem europeu e dos nossos cronistas especificamente. Como essas questões influenciaram, até que ponto foram determinantes, são pontos fundamentais para o entendimento da representação e da realidade apresentadas nos discursos de nossos cronistas, que pretendemos apreender no decorrer deste estudo.

### 2.1 RENASCIMENTO: TEORIA E PRÁTICA

Um dos meios que percebemos como caminho para o entendimento do pensamento dos nossos cronistas, como homens do século XVII, foi tentar compreender os rumos do pensamento intelectual desse período, seus resquícios para formação de um pensamento social comum que atingisse não só aos intelectuais, mas que afetasse as diversas camadas da sociedade, não só de forma direta, mas indiretamente, acreditando que esses resquícios ou respingos de idéias, fossem fortemente marcantes na formação de uma nova forma de pensar, que se inicia com o Renascimento e se apresenta desde o início do século XVI.

Para tanto, faremos um breve estudo simplificado sobre o Renascimento Europeu de forma geral, sobre o Renascimento Italiano que apresenta características bem particulares, assim como o Renascimento Cultural em Portugal. Apesar de nenhum dos nossos cronistas serem portugueses, observamos neles características que os enquadram muito mais no padrão de idéias desenvolvidas no Renascimento português, do que nas outras manifestações de idéias renascentistas observadas no restante da Europa.

### 2.3 ALGUMAS IDÉIAS SOBRE RENASCIMENTO

O Renascimento europeu corresponde ao período compreendido entre os séculos XIV e XVI, visto como um movimento de mudanças culturais, caracterizado pela retomada de valores da cultura Greco-romana, a valorização da razão e da natureza. O homem renascentista passa a utilizar os métodos experimentais e de observação da natureza e do universo, das qualidades humanas como o conhecimento, a inteligências e os dons artísticos. As bases desse movimento eram proporcionadas pelo humanismo, corrente filosófica que descartava a escolástica medieval e propunha o retorno Às virtudes da Antigüidade.

A Itália é conhecida como o berço do Renascimento, concentrado em algumas cidades que se destacaram pelo desenvolvimento do comércio e ação dos mecenas, ricos comerciantes que incentivaram e financiaram a obra de grandes artistas, em busca de prestígio e reconhecimento social. O Renascimento se mostra como representante de um novo estilo de vida urbano e burguês, com o desenvolvimento de novas relações sociais onde os homens se encontram mais próximos uns dos outros. Busca uma valorização dos elementos clássicos, com a introdução de novas técnicas de produção, como a pintura a óleo e a observação natural, com a valorização das experiências pessoais como fonte de saber.

Segundo Jacob Burckhardt (1991), a essência do Renascimento se constitui no resgate dos valores clássicos, que não poderia ter se configurado na elevada e universal necessidade histórica que foi, se pudesse abstrair dessa antigüidade. Os renascentistas inspiram-se nos antigos para fazer novas coisas, para aperfeiçoar as artes, a ciência e a cultura, diante das necessidades de uma nova sociedade que se formava, a partir do desenvolvimento de uma burguesia comercial urbana e dos Descobrimentos.

Em Portugal, o Renascimento corresponde cronologicamente ao período compreendido entre a segunda metade do século XV e as décadas iniciais do século XVI,

uma época de crises e conflitos de toda ordem, que envolviam a refutação dos saberes legitimados pela antigüidade e a realidade do Novo Mundo. Mudanças de paradigmas sociais e científicos e tentativas de entendimento entre forças de ruptura e de continuidade, relacionadas com os conhecimentos e verdades herdados pela antigüidade clássica, que passam e ser contestados por uma nova realidade que se desenvolve principalmente a partir dos Descobrimentos, uma contraposição entre o conhecimento dos livros e o conhecimento obtido pela realidade vivida.

Segundo Sebastião da Silva Dias (1973) os descobrimentos fazem desaparecer como por encanto, muitas das certezas tradicionais da ciência, esclarecendo dúvidas que há séculos movimentavam os cientistas, tudo graças à prática, à margem das escolas e dos métodos científicos consagrados pelos séculos e pelos sábios. É a partir do fenômeno dos descobrimentos que antigas teorias podem ser contestadas e refutadas.

O conhecimento sobre o novo mundo faz “cair por mar” teorias como a do Mar Tenebroso, inavegável, seja por sua grande lonjura, ou por sua pouca profundidade. Permitiu comprovar que o mundo ia além da realidade conhecida, que além do cabo do Bojador, ao contrário do que acreditavam os antigos, existia vida, como existia no restante da Europa. A realidade dos antípodas abandona o caráter da especulação, passando a existir como realidade comprovada empiricamente. Os homens do outro lado do mundo não só existiam, como em sua gênese eram semelhantes ao europeu. De acordo com José Antônio Maravall (1986), os antigos nunca alcançaram a percepção exata dessas novas terras nem tiveram conhecimento claro sobre elas, por isso chamar de Novo Mundo, um espaço novo e na prática, desconhecido.

A teoria da inabitabilidade das terras além do Cabo do Bojador sustentada pelos desfavorecimentos do clima, da fauna e da flora, herança do período clássico, afirmava que eram terras onde não havia água, nem árvores, nem ervas verdes, também é desmentida diante da nova realidade, diante do Novo Mundo, que vem mostrar através da realidade vivida e do testemunho de seus conhecedores, as inverdades dos mitos que circundavam o conhecimento sobre o mundo natural fora da Europa.

O Renascimento propõe a retomada dos valores da antigüidade, tendo esses valores como ponto de partida para o entendimento de um mundo novo, numa idéia de desafio-resposta, onde o conhecimento dos antigos se apresenta para os renascentistas como um

desafio, que deve ser respondido a partir do reaproveitamento dos saberes desses antigos, à medida em que se mostra possível, e refutados quando não competem com a nova realidade.

O período que envolve o Renascimento e início da modernidade é marcado por uma mudança de paradigmas que levam à contestação dos saberes legitimados pela antigüidade clássica em nome de novos conhecimentos oriundos dos Descobrimentos. Esses novos padrões de pensamento discutem a relevância e legitimidade do conhecimento restrito aos livros, passando a valorizar o saber resultante da observação prática.

Dessa forma, o domínio e legitimidade da Igreja católica também é posto à prova, o mundo mapeado pela fé, o mundo conhecido e dominado pela presença do Evangelho, não atingia todas as criaturas. O Deus onipresente não se tinha feito presentear, sob a ótica dessa nova realidade dos descobrimentos, a todas as pessoas. Povos inteiros não conheciam o Evangelho, nem tampouco tinham religião ou sentimento de submissão a fé católica.

Em Portugal, os Descobrimentos atuaram como elemento diferenciador da produção intelectual renascentista, quando comparado às outras nações. Ocupam desde sempre uma posição privilegiada na historiografia portuguesa, estando sempre ligados aos estudos do Renascimento e dos Descobrimentos. São sempre mostrados como universos diferentes, um ligado às letras, à produção intelectual, ao humanismo, o outro ligado à vida cotidiana, às experiências das viagens marítimas, do conhecimento de lugares distantes e desconhecidos. Talvez por ocorrerem na mesma época, esses fenômenos se interliguem, mas nunca se confundem.

Os descobrimentos e as conquistas estavam sempre no primeiro plano do livro português, seja no teatro, na poesia, no ensaio, na literatura política ou de viagens, fazendo com que a cultura no Portugal a partir do século XVI tivesse uma marca própria, que o identificava no confronto com as idéias e as letras no restante da Europa.

Os descobrimentos foram o fenômeno sociocultural mais significativo gerado pelo Renascimento, segundo Luís Felipe Barreto (BARRETO, 1983). Renascimento e Descobrimentos se completam e se integram em nossa busca pelo entendimento da realidade vivida por nossos cronistas, por isso estaremos recorrendo a eles para entender essa realidade e explicá-la à luz dessas novas idéias geradas pelos descobrimentos e pelo Renascimento.

Entendemos dessa maneira que o Renascimento provocou uma mudança de paradigmas que proporcionou um novo conceito de obtenção do saber, que já não estava mais restrito aos livros e aos intelectuais, um saber que desafiava todo o conhecimento até então constituído e que só foi obtido a partir da expansão marítima iniciada pelos portugueses, mas que não foi restrita a essa nação.

Continuidade e ruptura. Continuidade com uma retomada dos saberes da antigüidade clássica que haviam sido abandonados na Idade Média, mas através de uma nova leitura desses saberes, sobre os olhares dos Descobrimentos; ruptura com as idéias adotadas na Idade Média do domínio da fé e da religião. Esse quadro transmite bem as idéias dessa revolução do conhecimento que se inicia com o Renascimento.

Dessa forma, a produção intelectual no século XVII foi influenciada por toda essa herança renascentista. Ela foi marcada por mudanças e descobertas que propuseram uma verdadeira mudança científica e filosófica, no paradigma anterior ou Medieval, o que Koyré (1986) chama de Revolução européia do século XVII. Ela tendeu a transformar o homem de espectador em proprietário e senhor da natureza; que o fez querer conhecer seu funcionamento, buscando a origem e entendimento das coisas a partir da observação; que o leva do abandono da teoria como única fonte de conhecimento, à prática, numa busca por experiências vivenciadas, que possam oferecer um conhecimento verdadeiro.

A questão de uma mudança de paradigma científico a partir século XVI, ou busca por um formato mais aceito de se “fazer ciência”, não se apresenta como questão central neste estudo, mas se mostra como importante contraponto para entendermos a importância dos descobrimentos e sua influência no campo da formulação de novas teorias e formas de compreensão da natureza humana. Dias (1973), também fala de uma Revolução científica dos séculos XVI e XVII que transformou a busca pelo conhecimento, que levou a uma substituição cada vez maior do conhecimento livresco pelo conhecimento experimental que se desenvolveu durante o Renascimento.

Nesse contexto de novas idéias e novos olhares para o mundo natural que se inicia com o Renascimento, pretendemos analisar as obras de Pierre Moreau e Roulox Baro, cronistas do século XVII, procurando entender como esse contexto de novas idéias e novos olhares nos permitira compreender e avaliar os discursos dos dois cronistas percebendo

neles as influências diretas ou indiretas das idéias renascentistas para produção de seus trabalhos.

Antes da descoberta, a América já havia sido inventada, de acordo com Edward Lopes (2000). Antes que soasse seu nome pelo mundo, suas criaturas humanas, vegetais e animais já existiam como personagens míticas nas obras de Homero, Heródoto, na história natural de Plínio o Velho e nos relatos de viajantes como Marco Polo e Fernão Mendes Pinto. Essas imagens acabavam freqüentando os limites da geografia real e da história factual, para mergulhar no mundo mágico da história e da geografia que povoavam o inconsciente das pessoas, que sonhavam em correr o mundo, insatisfeitos com a estreiteza da Europa.

Mesmo antes dos descobrimentos, o universo do homem europeu já era povoado por uma série de criações míticas, que mais tarde vieram a povoar a imagem representada do Novo Mundo. A imagem de um paraíso terrestre, com fontes da juventude, árvore do bem e do mal, de uma terra inóspita e em sua grande parte despovoada, habitada por seres incomuns, disformes e monstruosos, com um só olho na testa ou com dois olhos nas costas, pigmeus, andróginos e antropófagos, já povoavam o imaginário do homem europeu na época dos descobrimentos.

Com os descobrimentos essa realidade que antes pertencia aos devaneios dos viajantes, ou Às especulações e hipóteses dos teóricos, ganha atributos reais e passa a alimentar os sonhos e desejos de muitos homens, degredados, aventureiros, catequistas, santos e loucos que cada vez mais sonhavam com a nova terra e embarcavam rumo a ela, em busca da realização dos mais variados desejos, a maioria deles ligados a novas oportunidades de vida e riquezas que o velho mundo não lhes podia oferecer.

Quando chegam ao Novo Mundo os descobridores se deparam com uma realidade que precisava ser construída, um paraíso sem fronteiras nem barreiras, com um lugar que precisava ganhar sentido, formas, estrutura de cidades, segundo José Luiz Fiorin (2000) para se transformar num espaço. Espaço esse que deveria ser construído de acordo com os padrões europeus, referência mais concreta e aceita como padrão de civilidade. Aventureiros, viajantes, santos e loucos, todos buscavam alcançar um ideal nessa vinda ao Novo Mundo. Vinham em busca de sonhos, riquezas ou aventuras, organizados em

companhias de comércio ou sozinhos, a trabalho ou movidos pelas curiosidade intelectual ou aventureira.

Esse homem europeu num primeiro momento compara o Novo Mundo com o paraíso terrestre da Bíblia, representa nele a crença de que o paraíso bíblico, cuja existência terrena era motivo de grandes debates, finalmente teria sido encontrado. Projeta no índio uma primeira imagem de ser inocente que não reconhece os valores materiais mundanos, ingênuo e livre do pecado, por sua aparência frágil representada pela nudez de seus corpos, onde se personifica o homem do Éden, livre do pecado original.



### 3 OS CRONISTAS E SUA ÉPOCA

Prosseguindo a análise da obra, começamos por conhecer a política da época e nossos autores.

Ainda na primeira metade do século XVII (1580-1640), Portugal estava sob o domínio espanhol, com a união das coroas ibéricas, e conseqüentemente sua colônia americana. Nesse período a Espanha entra em guerra com os Países Baixos. Devido a esse conflito, na tentativa de atingir e se apropriar das terras do inimigo, os holandeses tentam uma primeira invasão às terras do Brasil, especificamente na região da Bahia em 1625, mas são expulsos pela ação conjunta de espanhóis e portugueses. Numa segunda tentativa conseguem invadir a região de Pernambuco em 1630, que vai permanecer sob seu domínio até 1654. Antes disso, em 1640, Portugal rompe com a Espanha, iniciando sua restauração. Para aumentar suas forças, aliou-se aos holandeses contra os espanhóis. Porém, essa aliança limitou-se à Europa, pois no Brasil e nas outras colônias invadidas, continuariam inimigos, lutando pelo controle de seus potenciais produtivos e assim constituindo-se na política atlântica como grandes impérios (SANCHEZ, 2006).

Em contrapartida a essas disputas territoriais, no campo da produção intelectual, a Europa vivenciava o delinear de uma crise intelectual de seus paradigmas (KOYRÉ, 1986), ocasionada por diversos fatores que, vão desde o surgimento de uma nova cosmologia, isto é, de uma nova forma de perceber o cosmos, ao desespero trazido pelo conhecimento de um Novo Mundo onde os céus já não proclamavam mais a glória de Deus, onde o catolicismo ainda não se fazia ouvir.

Essa nova cosmologia, segundo Koyré, resultou numa suposta conversão do espírito humano da teoria à praxis (KOYRÉ, 1986). O homem do século XVII tenta então se desvencilhar do conhecimento dos livros apostando na observação e na prática cotidiana para um maior entendimento e conhecimento da natureza à sua volta, que deixa de ser um objeto de contemplação e passa a ser objeto de desejo, dominação e subjugação. Esses dados são elementos fundamentais para o entendimento dos cronistas que estudaremos.

O primeiro a ser apresentado na hierarquia da obra é Pierre Moreau, estudioso francês que não satisfeito com o conhecimento oferecido pelos livros decide viajar para o Brasil, com o intuito de conhecer melhor a realidade do que estudava. Para essa viagem, ele se desloca da França para a Holanda, seguindo de lá em uma das embarcações que vieram para Pernambuco, chegando em 1646 e partindo em 1648. Sobre sua vida pouco se sabe, datas de nascimento e falecimento são desconhecidas, as poucas informações que sabemos sobre ele foram retiradas do prefácio do seu livro, que foi publicado na França em 1651 (TEENSMA, 2006). Veio para o Brasil em busca de uma vivência, de uma prática para seus estudos. Na batalha travada entre portugueses e holandeses, não tomava partido de nenhum, estava no Brasil motivado por seus próprios interesses.

Desejava conhecer o cotidiano do conflito, a natureza da terra e da gente que o sediava. Cristão por formação, atribuía ao Deus criador a ordenação do mundo, e aos fenômenos da natureza a representação da vontade divina. No Brasil holandês era um observador atento do conflito que é o principal foco do seu trabalho. Tecia críticas e elogios à portugueses e holandeses quando julgava necessário. Por não pertencer a nenhum dos lados, nos oferece uma terceira versão do conflito, a de um espectador.

A trajetória de Roulox Baro é bem diferente. Chega ao Brasil aos sete anos de idade, ainda em 1616 numa embarcação que sai da Holanda, sua terra natal. Vem para o Brasil não se sabe por qual motivo. Conviveu com os indígenas durante toda a sua infância e juventude, aprendeu sua língua e costumes.

Residiu no Rio Grande e a partir da dominação holandesa em Pernambuco passa a colaborar com os de sua origem, atuando como intérprete entre índios e holandeses na política de alianças contra Portugal pela manutenção do domínio holandês. Nesse período retorna a Holanda onde se casa, voltando mais tarde ao Rio Grande (Rio Grande do Norte) onde morreu alguns anos depois (TEENSMAN, 2006). Sua obra aparentemente não possui nenhum aspecto investigativo ou literário: é o relato de sua segunda viagem ao encontro do chefe Janduí, líder dos índios Tapuias a mando dos holandeses, por isso é intitulado *Relação da viagem ao país dos tapuias*. É uma espécie de diário de bordo, onde ele relata toda a trajetória dessa viagem.

? ou  
Países  
Baixos?

### 3.1 PARA ENTENDER O CRONISTA PIERRE MOREAU

Quando tratamos do relato de Pierre Moreau, logo de início uma questão nos envolve. Como já sabemos, ele era um francês que veio para o Brasil, de acordo com o que afirma no início de seu relato, para experimentar a realidade do lugar sobre a qual estudava, ciente de que somente os livros não lhe proporcionariam um conhecimento verdadeiro sobre o que buscava conhecer. O curioso é que sendo ele francês, vem se aventurar no Brasil junto aos holandeses, com quem se preparou por três anos nas artes da guerra, antes mesmo de chegar até aqui. Nos vem então uma primeira questão, porque não vir junto aos seus compatriotas que também exploravam a costa brasileira na região do Rio de Janeiro. Porque escolher os holandeses?

Na busca por respostas, algumas hipóteses se tornam relevantes. Talvez os tivesse escolhido por uma questão de religião; ou por querer investigar uma região específica do Brasil, a região da produção açucareira, e não um outro espaço qualquer: ou ainda, como ele mesmo afirma, pela liderança dos holandeses na travessia dos mares, pois segundo ele, a “Holanda era o verdadeiro ponto de encontro dos que tencionam dirigir-se às regiões distantes, pelas suas navegações comuns em todos os cantos da terra” (MOREAU, 1979, p.17). Em seu relato, percebemos claramente sua fé temerosa ao Deus criador, mas em nenhum momento deixa claro ser um cristão católico ou protestante. Que é cristão, não deixa dúvidas, mas que doutrina segue, não podemos perceber; por isso não podemos afirmar que veio com os holandeses por ser protestante.

Durante o período da dominação holandesa no Brasil (1630-1654), a liberdade de culto foi uma característica marcante. De acordo com Stuart Schwartz (2006), a liberdade de consciência e culto entre católicos, judeus e protestantes era superior na colônia do que na própria Amsterdã. De acordo com o próprio Moreau, as missas eram realizadas por capuchinhos em campos abertos, não em igrejas. Os Judeus receberam duas sinagogas que atraíram até alguns cristãos novos que supostamente haviam se convertido ao catolicismo e

os holandeses pregavam sua religião em inglês, francês, português e em flamengo. Uma das maiores causas da incompreensão de Moreau sobre os hábitos cotidianos dos habitantes dessas terras estava justamente na falta de uma prática religiosa. Não compreendia como, com tanta facilidade e liberdade de culto, a religião fosse pouco praticada e não tivesse seus ensinamentos seguidos.

Os judeus preocupavam-se muito mais com a instrução dos seus em suas crenças, mas todos, indiferentemente, levavam vida lasciva e escandalosa; judeus, cristãos, portugueses, holandeses, ingleses, franceses, alemães, negros, brasileiros, tapuias, mulatos, mamelucos e crioulos coabitavam promiscuamente, sem falar dos incestos e pecados contra a natureza[...] (MOREAU, 1979, p.30).

Nesse trecho percebemos o quanto é atormentada sua visão em relação aos modos da vida cotidiana dos povos dessa região. Paraíso sem dúvidas, para ele não esteve perto de passar por aqui; não pelas qualidades naturais, como mais tarde veremos em suas afirmações sobre as qualidades do ar e belezas naturais do lugar, mas pelo pecado a qual se entregavam seus habitantes. Coloca a todos no mesmo balaio, infestado pelas chamas do pecado que corrompia a moral de todos os habitantes da fértil América e também dos naturais que a Europa trouxe até aqui (MOREAU, 1979).

Em seu relato deixa claro já conhecer a geografia do Brasil e os costumes de seus habitantes através dos livros de cronistas e viajantes. Entretanto, não deixa claro se já conhecia especificamente a região ocupada pelos holandeses.

os livros dos descobridores deste outro hemisfério dão-nos a conhecer suficientemente o que é este Brasil, em que paralelo está situado, de que maneira os brasileiros, tupinanbás e tapuias, os povos desse país, se guerreavam antigamente e devoravam os vencidos[...] (MOREAU, 1979.p.18).

A liderança dos holandeses nas navegações foi sem dúvidas um traço marcante dessa sua escolha, talvez acreditasse que por ser francês, fosse mais fácil chegar ao Brasil

com uma outra nação estrangeira que explorasse essas terras, do que com os supostos “donos do lugar”, os portugueses. Seu interesse pelo conhecimento do Brasil na prática, era inegável como ele mesmo afirma.

Precisava estar aqui para saber melhor sobre o que escrevia, com a segurança de quem viu e ouviu sobre tudo que escreve. Também precisava estar aqui com a segurança de poder voltar a qualquer tempo sem a obrigação de aqui permanecer: “Embarquei com ele, sob a condição, entretanto, de ser-me permitido voltar quando quisesse; isso foi fielmente cumprido.” (MOREAU, 1979, p.17). Talvez não quisesse estar aqui sob a condição de subordinado ou dependente de qualquer comando. Não deixa claro sob quais circunstâncias econômicas realizou a viagem, quanto teve que pagar por ela, custos ou despesas. Mas percebemos sua necessidade de liberdade sobre o que escrevia e a necessidade de não dever fidelidade ou obediência a nenhuma nação estrangeira.

Critica as atitudes que julga dignas de críticas sem se preocupar com quem atinge, está muito mais preocupado em realizar sua tarefa do que em estabelecer qualquer tipo de ligação com os habitantes do lugar, sejam portugueses, holandeses, tapuias, negros ou judeus, aos quais com frequência se refere no decorrer do seu discurso.

Não retrata nenhum tipo de ligações com os chefes da Companhia das Índias, não fala de relações pessoais ou de maiores interesses, senão o de conhecer na prática a realidade sobre a qual estudava, com uma preocupação excessiva com a verdade do conhecimento, que só poderia ser alcançada através da junção entre teoria, observação e prática. Por isso que alia ao seu estudo o relato de viagem de Roulox Baro: como curiosidade para o leitor, retratando os hábitos e costumes das populações indígenas que observou no lugar, como se intentasse afirmar que outros também viram e atestam o que ele afirma.

Em todo seu relato Pierre Moreau não menciona qualquer relação com o país dos tapuias ou com Roulox Baro, sua análise se concentra no Recife e no que pode observar em suas redondezas sem maiores detalhes de qualquer outro tipo de reconhecimento ou exploração de outras regiões do Brasil. Observamos em uma passagem de sua crônica, quando trata da morte de Jaco Rabi, que faz referencia ao País do chefe Janduí, sem, no entanto, se referir diretamente ao nome desse país,

[...] de acordo com o privilégio que lhes tinha sido outorgado pelos Estados Gerais e a Companhia das Índias, de somente eles serem os Juizes dos criminosos de sua nação. Jaco Rabbi não podia ser acusado de coisa alguma e jamais traíra o país[...] (MOREAU, 1979, p. 63).

O trecho faz referencia ao julgamento do culpado pela morte de Jaco Rabi e o país citado é o País dos Tapuias, a nação do Chefe Janduí.

### 3.2 O EMBAIXADOR DO PAÍS DOS TAPUIAS

Diferente de Pierre Moreau, Roulox Baro não demonstra em seu relato nenhum interesse intelectual ou acadêmico pelas terras do Brasil. Esteve aqui como tantos outros homens, loucos, santos, aventureiros e degradados que estiveram no Novo Mundo À procura de novas oportunidades que não podiam ser alcançadas na Europa. Os motivos reais que o trouxeram até aqui são impossíveis de se precisar, pois desembarcou no Brasil ainda criança, mas permaneceu no Brasil mesmo depois de ter tido chance de retornar à Europa.

Diante do contexto das idéias que povoavam o imaginário europeu acerca do Novo Mundo podemos pensar que no Brasil ele era um Homem de Destaque, embaixador dos Holandeses, uma espécie de diplomata das relações entre holandeses e Índios, e na Europa, na Holanda especificamente, era apenas mais um ultramarino, mais um aventureiro entre os tantos que a Europa havia exportado para a América.

Muitas especulações podem ser feitas sobre suas razões para permanecer no Brasil, as facilidades do lugar, as belezas naturais, o bom clima, a falta de outras oportunidades mais vantajosas, e uma série de outros motivos que por ora não passaram do campo das especulações. De fato, o que sabemos sobre ele foi o que retiramos de seu relato, o que nos permite uma análise maior diante das perspectivas propostas neste estudo.

Já no inicio de seu relato, Roulox Baro se diz embaixador da Companhia das Índias Ocidentais, “Intérprete e embaixador da Companhia das Índias Ocidentais, da Parte dos

ilustríssimos senhores das Províncias Unidas, ao país dos Tapuias, na terra firme do Brasil” (BARO, 1979, p. 92). Deixa claro seu intento e sua missão, atuando como tradutor dos costumes e da linguagem dos indígenas no contato entre índios e holandeses na disputa pelas terras do Brasil.

No dia 3 de abril de 1647 recebi dos nobres e poderosos Senhores Presidente e Conselheiros que representam o alto e soberano governo do Brasil, em nome dos altíssimos e poderosíssimos Estados Gerais das Províncias Unidas dos países Baixos, sua Alteza o Príncipe de Orange [...], ordem de dirigir-me ao país dos tapuias, vizinhos do governo do Rio Grande, a fim de com eles tratar, seguindo as instruções contidas na minha comissão ( BARO, 1979, p.92)

O relato com a qual trabalhamos se refere a sua segunda viagem. Sobre a primeira não temos conhecimento sobre qualquer vestígio de relato escrito, talvez por isso a preocupação em descrever em detalhes os acontecimentos mais importantes de cada dia. Inicia sempre os parágrafos fazendo referência aos dias do mês, no dia 14, no dia 15, escrevendo mais sobre uns dias do que sobre outros, por isso acredito ter feito referência ao que julgou mais importante.

A missão que relata nesta viagem consiste em tentar manter as relações cordiais e de ajuda entre a tribo do Chefe Janduí e os holandeses e também levar alguns presentes para esse chefe como forma de agrado para convencê-lo da importância que tinha essa aliança para os holandeses.

Mas os presentes em si não ajudaram muito pois, quando os recebe, Janduí reclama de sua condição e afirma já ter recebido presentes melhores dos portugueses que também buscavam sua aliança: “veja estes machados, estas machadinhas, estas foices, estes fações e outros instrumentos de ferro; a menor peça vale mais que tudo aquilo que vossos Senhores holandeses jamais me enviaram” (BARO, 1979, p. 98). Este trecho se refere a conversa entre Janduí e Baro quando tratam da alianças entre seus países. Mais à frente, Janduí reafirma sua fidelidade aos holandeses e diz que mandou voltar o rio a nado aos que lhes trouxeram tal proposta: “Tu bem saberias responder-me que se eu tivesse podido alcançá-los, não sobraria ninguém. E foi por isso que te levei o meu filho Muroti, que deve ter-te

dito que eu os persegui até o Rio Paraíba e obriguei-os a atravessá-lo a nado” (BARO, 1979, p. 98).

Ressalta a lealdade do chefe Janduí, sua força e determinação na luta contra os portugueses. Ainda sobre este homem se admira com a habilidade e vitalidade do ancião que afirma ser coisa maravilhosa de ver um homem com mais de cem anos correr com tanta destreza.

O ancião Janduí correr com eles era coisa maravilhosa ver-se um homem de mais de cem anos (segundo a opinião dos eus, mais de cento e sessenta) correr com tanta destreza. Isto causou tal admiração a João Straffi, um dos que eu trouxera comigo do Rio Grande, que ele acreditou tratar-se antes de um demônio que de um homem. (BARO, 1979, p.99)

Esse trecho onde se refere a Janduí é um dos poucos momentos em que demonstra espanto, surpresa ou admiração com o que vê, no mais sempre se limita a relatar o que presencia sem emitir qualquer juízo direto.

Em todo o seu relato não nos fornece uma localização específica sobre qual região compreende o país dos Tapuias, no sentido de fornecer um lugar exato do caminho. Fornece os nomes dos lugares por onde passou, mas sem a intenção de uma orientação para o leitor. A localização que possuímos vem do resgate de sua trajetória, no livro de Olavo Medeiros, mas que também já foi contestada em outros artigos como o do professor Benjamim Teensma da Universidade de Utrecht na Holanda. A localização exata desse país não é referência primordial neste trabalho, mesmo porque acreditando no nomadismo dessas tribos indígenas que não possuíam localização exata para seus acampamentos nem tão pouco tinham apenas um acampamento fixo e sim provavelmente mais de um, parece irrelevante querer estabelecer um único ponto exato para sua localização. Acreditamos que se concentravam no sertão, entre o Rio Grande e a Paraíba.

Em seu relato Baro nos mostra um enorme trato no convívio com os índios desde o reconhecimento de seus costumes às suas artimanhas. Em uma passagem se refere aos artifícios de alguns indígenas que o acompanhavam: fingindo ter esquecido de carregar os

presentes que levavam para Janduí voltaram ao lugar onde antes tinham acampado só para pegar milho de um colono em nome de Baro.

Zanguei-me com eles por me terem feito crer que haviam esquecido os presentes que eu lhes entregara para Janduí. Responderam-me ter agido assim porque temiam ser despedidos, caso me tivessem declarado sua intenção, e que os brasileiros não queriam dar-lhe o milho senão em seu nome. (Baro, 1979, p. 96)

Demonstra sabedoria no trato com estes homens e dificilmente se surpreende com qualquer um de seus atos, desde os mais estranhos aos mais simples para nós. Descreve os rituais religiosos com a mesma forma simples que descreve a hora das refeições ou as características climáticas do dia; não demonstra surpresa, dor ou pavor, às vezes um pouco de espanto e irritação com a malandragem dos índios.

Durante todo o seu relato, excluído o trecho que já relatamos, não se manifesta sobre as cerimônias e rituais que observa, descrevendo tudo como um tradutor que não interfere na reprodução do texto que apresenta. Numa passagem menciona um caso sobre um ritual dos feiticeiros da tribo de Janduí onde escreve: “Os feiticeiros reuniram-se no morro e nós com eles: choveu abundantemente em torno deles e de nós, mas não sobre eles nem sobre nós” (BARO, 1979, p.103). São referências deste tipo que nos fazem acreditar na imparcialidade de sua descrição sobre o que viu a respeito dos indígenas. Entretanto o que o motiva, o que o faz agir desta forma, se é ou não imparcial ou se apenas disfarça sua parcialidade, é o que ainda pretendemos descobrir no decorrer deste trabalho.

Atua como um tradutor dos índios descrevendo os rituais e atitudes que presencia sem se manifestar diante deles, não se impondo diretamente sobre o que vê talvez por não ser esta a sua missão. Não escreve para destacar a cultura dos índios, mesmo o fazendo, mas para relatar tudo o que viu em sua viagem. Não constrói qualquer tipo de imagem mitológica ou fantasiosa sobre essas comunidades, pelo contrário, as apresenta de forma bem real, retratando seu cotidiano e os apresentando como figuras reais que se organizam dentro de um determinado contexto social.

## 4 ALGUMAS IDÉIAS DE NATUREZA NO PAÍS DOS TAPUIAS

Nesse estudo, buscamos compreender como as condições e conflitos da realidade vivida podem interferir na composição do discursos de Pierre Moreau e Roulox Baro numa análise comparativa desses discursos, que foram produzidos num período que observamos de tensão entre as dinâmicas colocadas pela conquista do Novo Mundo e suas influências no imaginário europeu do século XVII e as idéias disseminadas pelo Renascimento. Sob estas perspectivas é que procuramos analisar, a partir da visão que os dois autores nos fornecem, as diferentes formas de representação da natureza americana na tentativa de entender de que forma entenderam e interpretaram essa natureza, se a conheceram, ou se simplesmente conviveram com ela. De que maneira perceberam seus fenômenos? Se essa natureza lhes despertou algum interesse científico ou religioso. Enfim, como ela foi vista e como foi entendida são os questionamentos que tentaremos responder a partir do entendimento de todas as questões anteriormente apresentadas.

### 4.1 RENASCIMENTO E NATUREZA: PIERRE MOREAU, DA TEORIA À PRAXIS

Na introdução de sua *História das últimas lutas no brasil entre portugueses e holandeses*, Pierre Moreau comenta que só é possível verificar o que há de louvável ou censurável em outras nações através das viagens, através do olhar direto, só através da investigação pessoal é possível discernir e comentar as preciosidades e adversidades em todos os âmbitos da formação sociocultural de uma nação.

Se é verdade não ser o mundo uma cidade, de que todos os homens são habitantes, e vergonhoso, no dizer de Sêneca, nada saber e somente com a ajuda dos livros, não há curiosidade mais justa e gloriosa do que



a que conduz alguém, levado pelo conhecimento de sua pátria, a ir verificar pessoalmente o que existe de louvável ou censurável nas outras nações. Visto não ser possível, exceto através das viagens, seria preciso odiar as belas coisas para não ama-lás, pois elas nos ensinam, pela experiência, os costumes dos povos, fornecem-nos mil exemplos e diversas aventuras em que aparecem estados inteiros, famílias e indivíduos nos possibilitam o julgamento das ações alheias. Assim, só dependerá de nos próprios tornarmos-nos mais sábios e mais bem avisados à sua custa (MOREAU, 1979, p.17).

Nessa passagem percebemos em Moreau uma influência das idéias renascentistas no questionamento à sabedoria dos livros e a valorização do conhecimento empírico, resultado direto da observação. Justifica a sua empreitada como sendo a forma mais confiável e segura de adquirir o verdadeiro conhecimento, através da observação que oferece a mais completa visão da formação de uma sociedade que a partir dela, da observação, só depende do próprio estudioso alcançar o conhecimento maior. Quando diz: “Assim só dependerá de nós mesmos tornarmos-nos mais sábios e mais bem avisados à sua custa”, deixa claro que para ele o conhecimento verdadeiro é o que resulta da observação e que cabe ao observador saber utilizá-lo para o bem de sua nação e para o seu próprio desenvolvimento.

No entanto, Moreau não se desfaz da relevância do conhecimento dos livros, se vale deles como referência para o que pretende estudar, como conhecimento prévio que se legitima a partir da observação

Os livros dos descobridores deste outro hemisfério dão-nos a conhecer suficientemente o que é este Brasil, em que paralelo está situado, de que maneira os brasileiros, tupinambás e tapuias, os povos desse país, se guerreavam antigamente e devoravam os vencidos [...] ( MOREAU, 1979, p.18)

Afirma que pretende fundamentar seu discursos no que viu , ouviu, leu e pesquisou, o que para ele fundamenta bem as suas palavras e fornece veracidade ao que escreve.

Ora, é sobre esta guerra e as suas ultimas lutas, sem motivos e trágicos sucessos que pretendemos discorrer, especialmente e com sinceridade, valendo-me de tudo que vi e ouvi assegurar ou soube por experiência própria e através de memórias que me foram fornecidas, assim como pelas instruções lidas nos registros da Companhia das Índias ocidentais, o que tudo, parece-me fundamenta razoavelmente aquilo que vou contar (MOREAU, 1979, p.18)

Em seu discurso, Pierre Moreau se mostra atormentado pelas influências da razão e da fé, ao mesmo tempo que defende o uso de novas experiências, questiona conhecimentos estabelecidos, o que veremos mais à frente, usa a fé para explicar o que sua razão desconhece e não consegue explicar, principalmente no que se refere às crueldades observadas durante a guerra. De acordo com José Honório Rodrigues em nota introdutória da obra que estudamos, Moreau tem uma visão pessimista e torturada sobre as terras do Brasil: “Ao contrário dos cronistas portugueses, que desde o primeiro século diziam ser o Brasil um paraíso terrestre, tese especialmente sustentada por Simão de Vasconcelos, Moreau tem uma visão pessimista e torturada” (MOREAU, 1979, p.7).

Ainda no prefácio de seu discurso, quando fala do que observou da disputa entre portugueses e Holandeses no Brasil afirma ser ali impossível se estabelecer a paz: “A verdade é que jamais se conseguiu estabelecer ali a paz e pode-se dizer do Brasil que é como certos lugares da terra: impossíveis de serem fortificados [...] pela situação em que se encontram” (MOREAU, 1979, p.17). Para tanto, não encontrando um motivo lógico, uma explicação racional para as crueldades que observou, busca na fé ou na falta dela, na falta de temor a Deus os motivos de todas as tristezas que destruíam tão bela terra.

Para explicar a não conversão dos indígenas a fé cristã, além de usar a ação da influência dos demônios, que é como ele chama os deuses dos índios ou suas manifestações religiosas, faz uso da razão:

Não tinha sido possível ainda persuadir os tapuias, porque o diabo os ameaçava e maltratava logo que pensavam acercar-se e porque não viam reluzir santidade entre os cristãos, censuravam-lhes o serem mais maldosos do que eles, capazes de dizer maravilhas e de não fazer nada apropriado de suas belas lições. ( MOREAU, 1979, p.30 )

Mostra as razões que julga mais pertinentes para a não conversão dos indígenas, como a falta de santidade dos europeus que percebe em suas ações e nas barbaridades que cometem a todo tempo. Em certos momentos, apresenta o Brasil como um verdadeiro império da iniquidade, da destruição e do pecado.

Com efeito, a piedade jamais foi tão fria num país onde o ar tem tanto calor: estavam em voga todos os vícios, os templos de uma e de outra religião eram pouco ou nada frequentados, a pouca preocupação de enviar ai seus escravos e ensina-lós a rezar a Deus [...] (MOREAU, 1979, p.30).

haveria  
da letra

Mas adiante comenta que aqui também se encontram pessoas de bem uma vez que a virtude pode ser encontrada em todo lugar.

No que se refere ao questionamento de conhecimentos estabelecidos que havíamos comentado anteriormente, Moreau ao relatar sobre a travessia da linha do Equador, desfaz a idéia de que ao passar sobre a linha se pode ter uma visão completa dos dois pólos num só instante, afirmando que quando se está lá não se pode ver nenhum dos dois pólos.

Tendo-se o vento tornado-se favorável passamos para o hemisfério meridional e pudemos julgar a falsidade das narrativas de certos historiadores que dizem poder-se abranger com a vista sobre a linha, os dois polos num só instante, ao passo que justamente quando ali se está, não se vê nem um nem outro. O mesmo pode dizer-se quanto ao que se tem escrito sobre as vagas do lado sul e do lado norte, que viriam chocar-se sobre essa linha, para assinalá-la, pois ela é apenas um círculo imaginário no céu e se dizemos estar abaixo, quando estamos a dois ou três graus, aquém ou além, não pode ser reconhecida sobre a água. É verdade que não se percebe, insensivelmente, dificuldade para as embarcações, porque, aproximando-se dela, é preciso subir e há uma grande dificuldade na descida, quando já se passou. (MOREAU, 1979, p.61)

Moreau tem uma forma bastante peculiar de escrita, fala sobre os mais diversos assuntos sem preocupação aparente com a repercussão positiva ou negativa do resultado dos dados que apresenta. Não está preocupado com a elaboração de um quadro propagandístico do Brasil, estando muito mais comprometido com sua missão de levar ao europeu uma imagem que seja a mais realista possível de tudo que viu, ouviu e viveu no Brasil.

Talvez por não pertencer a nenhuma das nações com a qual esteve em contato, enquanto permaneceu por aqui não se interessou a fundo pela defesa de nenhuma delas. Ele fala da situação dos índios, de suas condições de vida, hábitos religiosos, práticas alimentares, crenças e rituais, assim como fala da condição do escravo cativo, de sua pouca instrução religiosa, o que se mostra uma preocupação constante em seu discurso, a forma como viviam os brasileiros; fala dos colonos holandeses e portugueses, de sua avareza, principalmente no caso dos holandeses, da forma cruel como matam seus inimigos, como tratam seus escravos e como vivem as suas vidas, das barbaridades dos costumes, da forma vergonhosa como vivem os soldados e dos maus tratos e castigos violentos que sofrem.

Sua proposta é de relatar as últimas lutas entre portugueses e holandeses na disputa por terras no Brasil, o que faz em riqueza de detalhes no relato de lutas, batalhas, planos de ataque e outras coisas mais. Nesse caminho que percorre entre planos e batalhas, não deixa de observar e relatar sobre o que viu e como percebeu a realidade do povo que habitava esse país.

#### 4.2 ROULOX BARO: UMA ANÁLISE DA “MUDEZ PRÁTICA DE SUA OBSERVAÇÃO”

Os descobrimentos despertaram o interesse do europeu pela natureza do Novo Mundo, pelo que de novo podia ser observado nas distantes regiões, o que proporcionou a prática da observação pelos ultramarinos estimulados pela necessidade de relatar tudo de novo que percebiam. O uso da observação era corrente entre os homens sem qualquer

formação científica e sem vínculo com a erudição. Era praticada pelos navegadores que se aventuravam nas terras distantes, por viajantes e aventureiros.

Dias (1973), quando fala da participação dos observadores ultramarinos na revolução europeia do século XVII, afirma que sua contribuição foi muito mais quantitativa que qualitativa, sem uma ação direta na transformação da forma de pensar. No entanto, não exclui uma participação de forma indireta desses ultramarinos a partir da recusa ao sistema de comentários, que ao invés de discutirem ou comentarem os textos esses homens se voltam para a natureza, observando, interrogando e analisando essa natureza na “mudez de sua objetividade, ou no mistério de seu comportamento”( DIAS, 1973, p. 127).

Em certos casos parece-nos mais um não conhecimento desse sistema de comentários aos quais Dias (1973) se refere, pela mais absoluta falta de ligação com a produção intelectual, do que propriamente uma recusa a qualquer tipo de forma erudita. Silva Dias, em sua obra sobre os descobrimentos e a problemática cultural do século XVII, traça uma análise sobre o desenvolvimento dessa prática de observação natural desde seu início como método utilizado pelos ultramarinos até seu reconhecimento como forma de análise da filosofia natural.

No entanto, para nós nesse momento, o interessante sobre este tema é que ele se enquadra perfeitamente em nossa perspectiva de análise sobre o relato de Roulox Baro, que parece falar através da mudéz de sua observação. Baro analisa, observa e interroga todo o espaço e os acontecimentos ao seu redor, durante sua viagem ao País dos Tapuias. Seu relato às vezes parece enigmático quando procuramos encontrar as suas intenções diante do que escreve. Às vezes parece indignado com o que presencia, outras vezes não demonstra surpresa ou indignação diante de fatos que causariam no mínimo curiosidade a qualquer observador.

Talvez sua intenção seja apenas de relatar as ocorrências de sua viagem que é o que mais parece o seu discurso, um livro de ocorrências ou um diário de viagens. Entretanto, mesmos os diários deixam transparecer algum tipo de sentimento já que relatam sobre a vida do próprio escritor. Mas no seu relato não. É uma espécie de relatório formal, que pelo bem da boa forma procura ser isento de impressões ou sentimentos.

Uma passagem que julgamos interessante por retratar bem essa sua impessoalidade ou formalidade na escrita, diz respeito à morte de uma criança da tribo do chefe Janduí, que

estava doente e que em seus rituais religiosos, o “Diabo”, que é como ele chama as manifestações religiosas dos indígenas, quando depois de usar de bebidas que eles mesmos produziam e de muitas ervas, um dos chefes religiosos da tribo ou vários deles, dava voz a uma espécie de espírito encarnado, se assim pudemos entender, a qual Baro chamava de Diabo, que havia anunciado a cura. Mas o anúncio era falso e a criança morreu. Observem a descrição do ritual praticado pelos índios pela morte da criança:

[...] fingindo estar extremamente compungido com a morte da criança (o diabo), cuja cabeça os tapuias cortaram e cujo corpo retalharam, pondo-o a cozinhar numa panela. Em seguida, os parentes mais próximos vieram à festa e comeram tudo, **inclusive os tenros ossos**. E quando nada mais restou, puseram-se todos a lamentar-se, gritando e batendo com os braços. Eis as cerimônias que observaram nessa ocasião. ( Baro, 1979, p.104, grifo nosso)

Depois de descrever todo esse ritual ele finaliza, apenas dizendo que foi o que observaram no momento, sem tecer maiores comentários, como se relatasse algo comum à sua experiência cotidiana.

A questão do entendimento do termo Diabo pode ser justificada, se pensarmos na dicotomia do conhecimento espiritual. Baro vive em uma época onde a condição de contraposição entre Deus e o Diabo é muito forte, onde só existem essas duas influências que determinam as ações do homem. Se ele não é movido pela fé em Deus e em nome do respeito e temor à Deus, ele é movido pelas más influências do Diabo que se faz representar pelo pecado. Como a representação religiosa dos índios com danças, consumo de bebidas que causavam visões imperceptíveis aos demais espectadores em nada se assemelhava às representações de fé dos cristãos, só podia ser coisa do Diabo. O que não era coisa de Deus, só podia ser coisa do Diabo. Mas essa referência não se restringe só a Baro, Pierre Moreau também faz referência ao diabo que influenciava e atormentava os índios e os demais que viviam nesta terra que fazia com que cometessem os mais abomináveis pecados.

Baro viveu por entre os índios desde os sete anos de idade, o que não afasta a possibilidade da banalidade da observação de costumes e rituais comuns aos indígenas e a

ele, que pode não se espantar com manifestações que à primeira vista podem causar espanto, mas que a repetição só causa indiferença.

Seu relato de viagem, da sua segunda viagem, pois sobre a primeira não temos referências, é uma rica fonte de conhecimento sobre os costumes dos índios, organização social, condições de moradia, hábitos alimentares e de sobrevivência. Relata sobre seus rituais, como o da morte da criança, jogos, ações do cotidiano, relações com o europeu e com outras tribos amigas e inimigas.

É também um importante mapa de localização do Rio Grande durante o período de dominação holandesa, onde retrata os caminhos que seguiu, os espaços dos rios, localização de algumas casas afastadas de Natal, fazendas e pequenas Aldeias, relatando aspectos da fauna e da flora, mas não de forma intencional de observação destes aspectos. Além de um importante comentário sobre a ocupação do espaço no Rio Grande, distribuição e localização de rios, fazendas e pequenas aldeias nos caminhos por onde passou. Relata-os a partir das atividades do dia, como o descanso perto de uma grande árvore, dos frutos do qual se alimentou ou dos animais que caçou.

Seu relato fornece uma importante fonte de representação da vida cotidiana dos índios na América portuguesa com uma riquíssima descrição de seus costumes, organização e relações sociais. Sempre utilizando da nudez de sua objetividade sem intenções declaradas de observação ou experimentação natural, não busca analisar nem indagar ou conhecer a natureza do lugar e do povo que encontra, mas o faz na simplicidade de seu discurso.

Para atribuímos uma aplicação prática das influências das idéias renascentistas nos discursos desses dois cronistas, percebemos que uma parte da não conformação com a teoria como única fonte de conhecimento, no caso de Moreau, para a mais absoluta falta dela em sua forma de escrita, como no caso de Baro, teoria essa referente aos livros e ao conhecimento que eles oferecem.

Pierre Moreau vai da “teoria à praxis” buscando um conhecimento maior do que somente os livros poderiam oferecer. Ele se compromete previamente com seus próprios interesses, em relatar os resultados de sua observação, preocupado com a forma, a escrita e a verdade sobre o que escreve. Baro é um exemplo do “ultramarino” que mostramos a partir da explicação de Dias (1973), que teve sua contribuição muito mais quantitativa que

qualitativa, escreve sem aliança com interesses intelectuais. Voltando-se para o registro de sua missão, analisa, interroga e interpreta toda a realidade à sua volta, sem no entanto ter esse propósito previamente definido, por isso falar da “mudez de sua observação”, pois nos fornece dados importantíssimos para compreensão da realidade que descreve sem no entanto se propor intencionalmente a isso.

#### 4.3 A VISÃO DE UM CRISTÃO PROVIDENCIALISTA

A leitura da obra de Pierre Moreau nos permite perceber o quanto era firme em suas concepções religiosas, no seu temor pelos castigos divinos e sua referência ao Deus criador em todas as coisas. Percebe-se nele um certo tipo de determinismo divino, onde à toda ação do homem corresponde uma reação divina, que se fará representar, através dos fenômenos da natureza fonte de ligação entre o Deus divino e os homens na Terra. A natureza para ele era a forma utilizada por Deus para se comunicar com o homem.

[...] foi talvez, conseqüência de alguma secreta e maligna disposição do ar que aí se respira, infectado pelos demônios que corrompem o natural se seus habitantes. Esta rica parte da América em vez de gozar de tranquilidade, parece estar destinada apenas a carnificina e a crueldade, que sempre viu executados pelos descendentes dos naturais e dos que a nossa Europa aí conduziu, os quais dir-se-ia, só foram atraídos ao seu seio para regá-la com seu sangue (MORREAU, p.18).

A magia e o mítico rodeavam os pensamentos de Moreau, os aspectos da natureza são ligados ao bem e o mal. A rica América, por suas belezas e riquezas naturais, por tudo de bom que a natureza, obra do Deus criador ofereceu, deveria ser um lugar de paz e

tranqüilidade. Mas ao contrario, devido a maldade que paira no ar, é um lugar de carnificina.

O céu, irritado, não podendo tolerar tal coisa, enviou-lhes este flagelo, tato para castigá-los da sua tirania, como para puni-los e abafar as ações abomináveis que os maculavam, cometidos tão comumente que forneciam exemplos de crimes e desonestidades, vivendo eles segundo sua fantasia e não segundo Deus, que bem sabe fazer cessar a prosperidade dos que o desprezam (MORREAU, p.26).

Deus não tolera que o homem, sua criação, dele se afaste. O homem se entregou ao pecado e sofreu com a ira de Deus que mandou fome e pilhagens, contra o europeu que vivia no Brasil, por ter se deixado contagiar pelos costumes devassos e pecados contra a natureza (sodomia), cometidos pelos índios.

A natureza do lugar, o país dos tapuias, assim como a natureza humana, são criação de Deus, por isso, boas por origem não devendo se doar ao pecado. Moreau mostra o homem como a mais bela criação de Deus, devendo fazer por onde ser merecedor de sua graça. Para ele, assim como para os homens da antigüidade, a natureza é o canal da graça, o elo de ligação entre Deus e os homens que através dela se faz representar. (LENOBLE, 2002)

[...] procuravam convencê-los que seria fácil viverem todos felizes num tão belo clima que não deveria continuar como teatro de guerra, onde era espalhado o sangue cristão; os homens, estas preciosas obras de Deus vivo, Depois de tantos assassinatos e carnificinas, cujo só pensamento causava horror, deveriam refletir e reconhecer que não estavam sobre a terra para se estrangularem, mas, antes, para se socorrerem uns aos outros. (MORREAU, 1979, p.31).

A formação religiosa cristã do nosso Moreau fica explícita em cada uma das suas intervenções sobre a natureza dos homens ou sobre a natureza do lugar, por onde Deus se

faz representar em todas as coisas. Em suas concepções, a natureza do homem está ligada ao ambiente natural em que vive, a bela América deveria ser um lugar de paz, por ser bom e agradável o seu clima, assim também deveria ser a sua gente. O homem está ligado à natureza e Deus que criou a tudo e a todos, se faz por ela representar.

Moreau reafirma sua visão de Deus como centro de todas as coisas, como o mantenedor do universo, o motor que gera a energia para o funcionamento de todas as coisas, afirmando que não se pode ter sucesso, vivendo fora de suas leis e de seus ensinamentos. Cristão, homem de fé, temente a Deus, Moreau sempre que se refere a natureza à vê como criação divina; instrumento de poder divino, portal para que se faça ouvir pelos homens a voz de Deus.

Seu caráter místico se faz perceber claramente em seus comentários sobre Deus e a natureza, sempre ligados, sempre apontando um aspecto transcendental para os acontecimentos terrenos. A natureza mágica salta aos olhos do leitor em algumas de suas intervenções; o mítico, a mágica, o que transcende a vontade dos homens.

Atribuimos dizíamos, esta prodigiosa desolação e esta transformação tão lamentável a uma justa punição e castigo do céu pelo desprezo que estes dois povos demonstravam violando a justiça e a piedade banidas de seu convívio, sem se incomodar de regradar por tais sentimentos sua conduta, nem considerar que não se poderiam manter sem apoiar-se sobre estas duas colunas, tão necessárias ao florescimento e prosperidade do Estado, das famílias que o formam, que sem elas a mas firme monarquia, reinos principados e republicas entram em decadência (MORREAU, p.89).

Percebia a natureza de forma religiosa, sempre ligando seu aspecto ao destino dos homens. Por exemplo: um lugar de belo clima e de belas paisagens seria propício a uma convivência pacífica e harmônica, como se as características climáticas pudessem predeterminar o destino dos homens. E se assim não acontecesse, se o bem oferecido pela natureza, conseqüentemente por Deus, não trouxesse a felicidade dos homens, seria um

castigo dado por Deus aos pecadores. Possui uma lógica muito simples, o bom cristão gozará de todas as alegrias do céu e da terra, o pecador padecerá e sofrerá com a ira divina.

#### 4.4 PERCEPÇÃO UTILITARISTA DA NATUREZA

Roulox Baro nos fornece uma descrição detalhada do que viu e ouviu durante sua viagem ao país dos tapuias, ao encontro do chefe Janduí. Em seu relato, apresenta uma visão da natureza como fornecedora do sustento alimentar de onde se retira o suficiente para viver. Não se percebe em seu relato nenhuma referência ao Deus criador, ou a natureza como criação divina e também não demonstra nenhum interesse científico por ela. Sua visão é prática, é da natureza que se extrai o mel silvestre que o alimenta e onde estão os animais para a caça. Descreve a ação de ventos fortes, chuvas ou enchentes, sem atribuir-lhes qualquer razão divina ou religiosa. Não contesta a natureza, nem tão pouco busca explicações para suas representações.



Finalmente chegamos ao cume de uma serra [...] Ai esgotamos duas grades arvores cheias de mel silvestre e, tendo caçado, ceamos, sobre um pequeno outeiro, uma grande serpente chamada cascavel, um tenro passaro chamado avestruz e dois tatus, que matamos graças aos meus cães e as flechas dos tapuias que me acompanhavam (BARO, 1979, p.94)

Sua visão realista pode ser fruto de sua ligação com os índios, ou de uma não formação religiosa cristã, mas na prática nas matas brasileiras. Sobre a sua formação nada se sabe, já que desde criança viveu no Brasil em companhia dos tapuias. Supõe-se que se não herdou a fé pelas suas crenças e rituais, tenha tido por elas um certo respeito ou a mais completa indiferença. Descreve seus rituais sem expressar qualquer respeito ou temor ao que seria abominável aos olhos de qualquer outro europeu por formação.

Escreve sobre feiticeiros, rituais, invocações ao Diabo, sem no entanto, exprimir qualquer relação ou opinião. Não demonstra qualquer tipo de sentimento diante do que descreve: é como um intérprete, traduzindo o que ouve com a maior fidelidade possível ao original, sem expressar sentimento. Podemos sentir um pequeno resquício de sentimento quando descreve o ritual pela morte da criancinha, cuja citação mostramos anteriormente, quando cita que comeram tudo da criança, “inclusive os tenros ossos”. Aí parece surgir um sentimento de pena pela criança ou talvez tenha sido apenas a palavra mais adequada para exemplificar a fragilidade do pequeno corpo.

Faz referência aos hábitos religiosos indígenas sem se incluir neles: “Os feiticeiros reuniram-se no morro vizinho e nós com eles: choveu abundantemente em torno deles e de nós, mas não sobre eles nem sobre nós” (BARO, 1979, p.103). Relata algo que para nós pode parecer tão estranho, sem qualquer admiração. Nessa passagem, parece que ele experimenta um fenômeno mágico, sem tê-lo na conta de mágico ou supersticioso pois ele comprova que não chove sobre eles, nem sobre ele.

O mais provável é que a convivência com os índios o tenha feito perder qualquer capacidade de indignação ou estranheza, diante dos fatos mais exóticos. É a naturalidade do convívio, o costume de presenciar que torna qualquer ação por mais violenta ou abominável que pareça aos olhos de qualquer pessoa, algo comum.

Baro se utilizava da natureza de todas as formas necessárias. Apresenta um caráter utilitarista da natureza, não observando nela qualquer sinal de misticismo ou divindade. Somente em uma linha do seu relato cita o nome Deus, “respondi-lhe que graças a Deus não sofremos qualquer falta” (BARO, 1979, p.98), quando é perguntado pelo chefe Janduí sobre a situação dos holandeses. Porém esse Deus aparece muito mais como um vício de linguagem do que como uma demonstração de fé religiosa. O uso do termo Deus demonstra sim, uma formação religiosa, mas não uma prática usual, cotidiana, da religião.

Se retomarmos o conceito de representação apresentado logo no início deste estudo, podemos tentar entender as intenções que regem o relato de Baro. Ele escreve para os senhores da Companhia das Índias à quem obedecia. Em sua missão não tinha interesse em demonstrar sensibilidade ou qualquer tipo de fragilidade ou mesmo detalhismos que

pudessem parecer desnecessários. Sua missão era reafirmar as alianças entre o Chefe Janduí e os holandeses, não tendo que se ater à descrição dos costumes dos indígenas ou atribuir a elas qualquer valor.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de serem contemporâneos, terem vivido tão próximos por algum tempo, nossos cronistas nunca se encontraram, seja pessoal ou intelectualmente. Suas interpretações sobre a natureza são claramente divergentes. A um se mostra útil e proveitosa, fonte de sobrevivência alimentar; ao outro como elo de representação da vontade divina na terra.

O diário da viagem de Roulox Baro ao país dos tapuias, é utilizado por Pierre Moreau como prova documental do que escreve em sua "*Historia das ultimas lutas no Brasil entre portugueses e holandeses*" na intenção de ilustrar e dar veracidade ao que escrevia. O diário de Baro mostra a realidade de um homem europeu. É importante frisar sua origem para entender a contradição de sua visão de mundo; crescido em meio ao cotidiano indígena que aprendeu a aceitar seus costumes, sem se dar conta de que aquilo era passível de questionamentos, que aqueles costumes poderiam ser aceitos ou reprovados, como muitas vezes foram por Pierre Moreau, e eram, por qualquer outro europeu.

Talvez a convivência precoce, logo na infância, o tenha permitido aceitar com mais naturalidade tudo que viu. Ao contrario de Moreau, a quem tudo causava espanto e abominação, não entendia como era possível viver desafiando constantemente as leis de Deus, não aceitando tamanha provocação. Por isso, para ele, eram selvagens e viviam em estágio tão primitivo. Não conheciam e nem respeitavam ao Deus criador, não lhes sendo possível evoluir. Moreau nutria pelos indígenas uma mistura de sentimentos de piedade e horror. Piedade, por viverem enganados, não conhecendo a verdade salvadora e redentora do cristianismo, horror por seus pecados contra a natureza divina, por seus costumes devassos, primitivos, selvagens e violentos, por suas formas, a ele, estranhas de vida. Não entendia, não aceitava, e esperava por uma punição divina para o pecado e a conversão do pecador.

Baro convivia, aceitava e não se horrorizava nem se indignava, não apreciava uma maior convivência com os índios, porém não lutava por sua cristianização. Convivia com as diferenças,

M?

sem buscar modificações. Sem dúvidas, foi um homem à frente de seu tempo, pelo menos no que se refere a sua forma de escrita, pois traduz para o mundo sua visão do país dos Tapuias sem interferir, não de maneira explícita, na ordem natural das coisas. Se o fez, se interferiu, foi de extrema habilidade, não se fazendo perceber.

Moreau é um estudioso comum do século XVII, que observou a natureza com a mesma admiração e espanto que qualquer outro homem com a sua formação observaria. Sua visão é reflexo de sua formação, percebeu a natureza baseando-se nas próprias referências, no que acreditava ser correto. Procurou estabelecer relações entre o novo, o que aqui encontrou, e o velho, seus conhecimentos socialmente consagrados. Assim como Baro, ele traduz a natureza no país dos tapuias a partir de suas ideologias, de seu conhecimento de mundo.

Assim como os autores que apresentamos logo nas considerações iniciais deste trabalho, nossa primeira intenção com o discurso de Moreau também foi de relegarmos a obra de Moreau a um segundo plano, mas no decorrer deste estudo percebemos o quanto é importante seu trabalho para a compreensão do homem europeu de sua época e perceber principalmente as diferenças na percepção do mundo americano. Sua obra nos fez concluir que nem numa época de tão poucos recursos literários houve unanimidade na avaliação dessas terras do Novo Mundo. Moreau nos mostra uma visão totalmente diferenciada dessas terras, que para ele em nada se assemelharam ao paraíso. Pelo contrário, ele as descreve como palco da iniquidade, do pecado e desamor e principalmente destemor a ira de Deus.

A beleza desta obra está na diferença dos discursos que apresenta, seja nos discursos de Baro ou Moreau, cada um com suas particularidades retratam a mesma realidade de formas diferentes e fascinantes, cada um à sua maneira.

no AA?

## REFERÊNCIAS

*justificar  
parágrafo*

1.  
BARRETO, Luís Felipe. **Descobrimientos e renascimento**: formas de ser e pensar no século XXI. Lisboa: Conselho da Europa, 1983.

BARROS, José D'Assunção. **O Campo da história**. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

BURCKHARDT, Jacob. **A cultura do renascimento na Itália**: um ensaio. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

CASTRO, Iná Elias. Do Imaginário Tropical a política: a resposta da geografia brasileira à história da maldição. **Revista Eletrônica de Geografia y Ciencias Sociales**. Barcelona : Universidade de Barcelona, 2006. Disponível em: <[www. Ub.es/geocrit/sn/sn-218-11.htm](http://www.Ub.es/geocrit/sn/sn-218-11.htm)>. Acesso em: 23 maio 2007.

CHARTIER, Roger. **História Cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: DIFEL, 1998.

DIAS, J. S.da Silva. **Os Descobrimientos**: e a problemática cultural do século XVI. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1973.

ISRAEL, Jonathan I. El Brasil y la política holandesa em el Nuevo Mundo: (1618-1648). In: ACUARELA de Brasil, 500 anos después: Seis ensayos sobre la realidad histórica y económica brasilena. Salamanca: Universidade de Salamanca, 1999.

KOYRÉ Alexandre. **Do mundo fechado ao universo infinito**. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense- Universitária, 1986.

LENOBLE, Robert. **História da idéia de natureza**. Lisboa: Ed. 70, 2002.

LOPES, Edward. Ler a diferença. In: BARROS, Diana luz Pessoa de (Org.). **Os discursos dos descobrimientos**: 500 e mais anos de discursos. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2000.

MARAVALL, José Antonio. **Antiguos y Modernos**: Visión de la historia e idea de progreso hasta el Renacimiento. Madrid: Alianza, 1986.

MEDEIROS FILHO, Olavo. **No rastro dos flamengos**. Natal: Fundação José Augusto, 1989.

MELLO, José Antônio Gonçalves. **Tempo dos flamengos**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1989.

MOREAU, Pierre; BARO, Roulox. **História das últimas lutas no Brasil entre holandeses e portugueses e relação da viagem ao país dos Tapuias**. Belo Horizonte: Livraria Itatiaia, 1979. ( Coleção Reconquista do Brasil; 54).

SANCHEZ, Manuel Herrero. La presencia holandesa em Brasil e la posición de las potencias ibéricas tras el levantamiento de Portugal (1640-1669). In: PÉREZ, José Manuel Santos; SOUZA, George F. Cabral. **El desafío holandês al dominio ibérico em Brasil em el siglo XVII**. Salamanca: Universidad de Salamanca, 2006.

SCHWARTZ, Stuart B. Actitudes portuguesas de tolerancia religiosa em el Brasil holandês. In: EL DESAFÍO Holandês al dominio Ibérico em Brasil em el siglo XVII. Salamanca: Universidad de Salamanca, 2006.

TEENSMA, B. N. **O Diário de Rodolfo Baro (1974) como monumento aos índios trairairius do Rio Grande do Norte**. Disponível em: <http://galindo.demanne/etnos3/teensma.htm>>. Acesso em: 28 jun. 2006.

VAINFAS, Ronaldo. História das mentalidades e história cultural. In: CARDOSO, Ciro Flamalio; VAINFAS, Ronaldo (Org.). **Domínios da história**. Rio de Janeiro: Campus, 1997. cap. 5.

WEHLING, Arno; WEHLING, Maria José C. M. **Formação do Brasil colonial**. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

WOOTMANN, Klass. **Religião e ciência no renascimento**. Brasília: Universidade de Brasília, 1997.

RODRIGUES, Antonio Edmilson, FALCON, Francisco José Calazans. **Tempos Modernos. Casos de História Cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

+ Renascimento  
+ questões religiosa